

**A HISTÓRIA  
DE  
CHICO MAROCA**



**FRANCISCO CARLOS ARAÚJO**

**A HISTÓRIA  
DE  
CHICO MAROCA  
(Poema, cordel)**



**NOVA ALIANÇA**  
Livraria e Editora

Copyright ©2020 by: Francisco Carlos Araújo

**DIGITAÇÃO**

- O autor

**DIAGRAMAÇÃO**

- Allana Medeiros

**REVISÃO**

- O Autor

- Raimundo Clementino Neto

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária

Larissa Andrade CRB – 3/1179

Araújo, Francisco Carlos.

A663h      A história de Chico Maroca: (poema,  
cordel) / Francisco Carlos Araújo – Teresina:  
Gráfica Rima; Livraria Nova Aliança, 2020.  
103 p.: il.

ISBN 978-85-9538-121-6

1. Literatura Brasileira – Poemas 2.  
Literatura Piauiense – Poemas 3. Literatura de  
Cordel 4. Biografia I. Título

CDD – B869.1

“Só é lutador quem sabe lutar consigo mesmo.”

(Carlos Drummond de Andrade)

## **BIOGRAFIA**

Francisco Carlos Araújo (Chico Acoram).

Piauiense natural de Barras do Marataoan, reside atualmente na cidade de Teresina.

É Contador e Funcionário Público Federal – INCRA, AGU.

- Cronista e poeta. Sócio benemérito da Cordelaria Chapada do Corisco (COCHACOR).

## **CONTATOS COM O AUTOR:**

(86) 98863-3533

chicoacoram@hotmail.com

À memória de

Francisco Araújo Lima (Chico Maroca)  
e Maria Jovita Nunes, meus pais.

Meus sinceros agradecimentos  
aos ilustres amigos e poetas:  
Francisco de Almeida  
Raimundo Clementino  
Joaquim Mendes Sobrinho (Joames).

Meus agradecimentos  
especiais aos diletos tios:  
- Domingos Araújo Lima  
- Deusenira Araújo Lima  
- Idalina Araújo Lima  
- Neusa Araújo Lima

## APRESENTAÇÃO

Após o falecimento do meu pai Francisco Araújo Lima, mais conhecido como Chico Maroca, apelido que recebeu quando ainda adolescente em alusão a sua mãe Maria da Costa Araújo (Maroca), ocorreu-me a ideia de contar sua trajetória de vida desde quando ainda era muito moço até seus últimos dias aqui entre nós. Assim, pensei contar e relembrar vários casos e fatos sucedidos com ele. Fatos esses que ouvi pessoalmente do meu pai, ou contados por alguém da família e amigos.

Inicialmente “A História de Chico Maroca” seria narrada em prosa, do tipo crônica histórica e memorialística. No entanto, resolvi contar a referida história na forma de um poema, na modalidade de cordel. Mas como escrever o texto em estrofes, versos rimas, ou seja, um poema em cordel se eu não sabia nada sobre as técnicas de elaborar escritos em poesia popular?

Em meados do ano de 2019, recebi um convite para participar de uma oficina de cordel para iniciantes e simpatizantes dessa bela arte da poesia popular. Fui convidado pelo meu amigo e conceituado poeta Francisco de Almeida, advogado da União, o que muito me honrou. Participei de três eventos consecutivos, onde amalhei

alguns conhecimentos teóricos e técnicas na elaboração de poesias, especialmente de cordel.

As oficinas de cordel eram ministradas e animadas pelos competentes professores e poetas Raimundo Clementino e Joaquim Mendes (Joames), onde tive a grata satisfação de conhecê-los, e que muito aprendi e continuo aprendendo com esses ilustres poetas.

Com os incentivos e orientações desses três eméritos poetas acima mencionados, foi que tomei a decisão de escrever a “A História de Chico Maroca” em forma de poema (cordel).

## PREFÁCIO

Estávamos apreensivos, temerosos e até descrentes quanto ao futuro da poesia popular (Cordel) no Piauí, porque os principais produtores e editores haviam silenciado e o Cordel caíra no esquecimento, logo agora, que o IPHAN, encorajado por diversas entidades do gênero, se dispôs a reconhecer a Literatura de Cordel com Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro.

Felizmente as musas do Parnaso sussurraram aos nossos ouvidos, incentivando-nos a empunhar a bandeira do Cordel em nosso estado. Não contrariando o desejo das míticas entidades matronas da poesia, idealizamos e, com a ajuda de alguns amigos poetas e apologista idôneos, fundamos a Cordelaria Chapada do Corisco – COCHACOR, cujo objetivo principal é revitalizar a Literatura de Cordel em nosso estado, e graças à boa vontade e esforços conjuntos, conseguimos pleno êxito.

Fizemos esse breve exórdio acima, porque através da COCHACOR, descobrimos que o Piauí não é pobre nem vulgar em Literatura de Cordel. A fundação da nossa entidade propiciou a afluência aos seus quadros, de um considerável número de bons poetas populares, que não sabíamos existir em nosso estado. Constatamos,

portanto, que o que faltava, e falta ainda, é incentivo. A COCHACOR, em que pese o seu pouco tempo de atuação já desenvolve algumas ações no sentido de minimizar esse grave problema, mas por si só, ainda não tem muito a oferecer, para que nossos poetas populares possam exercer suas atividades satisfatoriamente.

Agora vamos ao que interessa que é uma ligeira apreciação sobre a HISTÓRIA DE CHICO MAROCA, obra monumental de autoria do poeta barrense Francisco Carlos.

Conhecemos o autor através da COCHACOR e apesar dos poucos contatos que tivemos, selamos uma compensadora amizade. Num dos nossos encontros Francisco nos pediu que fizéssemos um comentário sobre um cordel que terminara de escrever, passando-nos em seguida os originais da HISTÓRIA DE CHICO MAROCA.

Não somos muito afeitos a tal labor, mas aceitamos a empreitada, sem no entanto, deixar de expressar um certo sobressalto diante o calhamaço de papéis que nos pôs às mãos. Após uma rápida leitura dos originais, constatamos que não se tratava de um simples cordel, mas de uma longa epopéia, pontilhada de episódios emocionantes, ora cotidianos, ora circunstanciais, experimentados pelo protagonista Chico Maroca, que jamais se curvou diante os obstáculos

impostos pelo destino ao longo da sua heróica trajetória vencedora.

As surpresas agradáveis começaram logo ao lermos uma nota em prosa, mas ornada de esplendorosa poesia, assinada pelo autor, intitulada “A viagem”.

O menino de apenas oito anos, fora alojado sobre a rústica carroceria de um velho caminhão e levado pelo sonho dos seus pais, sabe Deus para onde. Em cima da carroceria, disposto em um colchão de palhas, durante a viagem, num misto de angústia pela partida e de ansiedade na expectativa de novas descobertas, nada escapara à mente arguta e ao olhar tristonho da criança: as casas de palha ficando para trás, as árvores que pareciam correr em sentido contrário, as roças com legumes, as aves esvoaçantes e até os velhos jatobás que margeavam a estrada carroçável sinuosa e mau cuidada; e o que era ansiedade e angústia foi se transformando em saudade inundando seu infante e sensível coração. Como verá o leitor, a nota do autor, que antecede à real narração da vida de Chico Maroca, já é um verdadeiro poema!

Aqui, Francisco Carlos revela o dom, a criatividade e maestria de um grande poeta, narrando em sextilhas de versos heptassílabos, de forma primorosa a heróica e honrosa trajetória do seu genitor que, mesmo iletrado,

enfrentando as dificuldades peculiares do sertanejo do interior do Nordeste, soube sobrepor a todos os obstáculos para criar sua família com dignidade.

Não criticamos sem causa quaisquer trabalhos poéticos nem fazemos falsas apologias apenas para agradar os autores, todavia, não obscurecemos méritos de uma produção literária.

Em A HISTÓRIA DE CHICO MAROCA, nos deparamos com estrofes dignas de admiração pela bela urdidura dos versos que as compõem, como a seguinte, em que o autor relaciona a prole dos avós Domingos e Maroca:

“São rebentos do casal:  
O Francisco e Mariazinha;  
O Valdir a Deusenira,  
A Zezé e a Teresinha;  
Dominginhos e a Idalina  
E a caçula Neusinha”.

Segue o poeta narrando seu poema, no ardoroso afã de registrar não só as peripécias de Chico Maroca, como o inusitado episódio do seu casamento, além de tantos outros, mas também os aspectos da vida sertaneja: o trabalho árduo, as secas causticantes destruindo as

lavouras, o abuso dos latifundiários, a discriminação social e econômica a que eram e ainda são submetidos os menos favorecidos, fatos que aliás têm sido observados e denunciados pela maioria dos poetas populares.

O poeta popular é um contador de histórias, e Francisco Carlos, com a publicação deste trabalho, demonstra ser um grande rapsodo, cuja criatividade embeleza seus enredos, agrada aos nossos ouvidos e sensibiliza nossos corações, pela urdidura dos versos, obedecendo razoavelmente as normas exigidas pela versificação cordeliana vigente.

Não nos alongamos mais comentando este magnífico trabalho, fruto da fertilidade poética de Francisco Carlos, para não frustrar a expectativa do leitor, deixamos a ele o prazer de experimentar o sabor das emoções através da própria leitura do poema.

Parabéns poeta Francisco Carlos, pelo excelente livro com que brinda aos leitores aficionados pela poesia popular e pela valiosa colaboração à cultura popular piauiense. Continue poetando, porque apesar dos modernos meios de comunicação e ludicidade, a boa poesia ainda é, e será sempre um dos mais importantes meios de entretenimento e cultura de um povo.

Joames  
Escritor e poeta

**CHICO ACORAM CORDELISTA,  
A SUA MAIS NOVA CONQUISTA.**

ACORAM já é contista  
De excelente desempenho,  
Mas agora em outro estilo  
Com um destacado empenho,  
Um Cordelista estreante  
Já com destaque ferrenho.

É o seu primeiro Cordel,  
Mas já alvo de elogio,  
Com escrita inteligível  
Capaz de dar arrepio;  
A biografia do seu Pai,  
Que bem aqui avalio.

Parecendo veterano  
Domina a métrica e a rima,  
Além do bonito enredo,  
Leva o português por cima,  
Produz Cordel erudito,  
Que o leitor bem anima.

Falando sobre seu Pai  
Descreve com maestria,  
Uma história bem longa  
Mas, cheia de simpatia;  
Registrando altos e baixos  
De labor e estripulia.

Seu Pai teve uma jornada  
Entre trancos e barrancos,  
Passando picos e vales  
Com subida e solavancos;  
Mas finalmente vencendo  
Ao deter cabelos brancos.

São assuntos variados  
Com mudanças de toda ordem,  
De profissão e residência,  
Mas sem provocar desordem;  
E sempre com fé em Deus,  
Sem nenhuma contraordem.

Parabéns ao Acoram  
No novo estilo eleito,  
No cordel tradicional  
Com este conto perfeito,  
D'um grande exemplo de luta  
E cumprimento ao direito.

**Francisco de Almeida**  
Advogado da União e Poeta Popular

## A VIAGEM

Rumo à cidade grande. Quatro ou cinco horas de viagem; cerca de 130 quilômetros. O caminhão partiu levando uma família cheia de esperança. E na carroceria, uma pequena e modesta mobília, e um menino que se acomodara entre os rústicos móveis. Era o mais velho dos quatro irmãos. Tinha oito anos de idade. Sorriu abobalhado em face de sua primeira viagem, sobretudo pelo fato de ser transportado em cima de um caminhão. Este era seu sonho - andar de carro, momentos raros naqueles tempos de infância. Seus pais, as outras crianças e o motorista se apertaram na boleia do veículo. Seguiram viagem, incertos do futuro certamente.

Na estrada empoeirada, o menino encantava-se com tudo o que via. Às margens da rodagem, as árvores pareciam correr em extraordinária velocidade. Viu pássaros que sobrevoavam as matas, destacando-se um bando de periquitos de cor verde e amarelo em patuscada algazarra. Um nambu correndo no mato. Um astuto carcará pousado em cima de um Jatobá espreitando sua presa. Flagrou um fugaz preá que atravessara a estrada rumo ao capinzal. Mais adiante, uma velha palmeira lascada por um violento corisco no meio do babaçual. Casas de palha e roças plantadas com milho, arroz, melancias e outros legumes, ficavam para trás. Um homem aboiando seu pequeno rebanho de bois também

ficou. O sol no poente, resplandecente. O arrebol ao entardecer. Tudo passaria em breve.

Anoiteceu. Não se presenciou mais nada, apenas uma escuridão sem fim. À frente, os faróis do caminhão alumiam o caminho com sua clara luz ofuscante. Agora, o semblante do menino era de tristeza e de uma profunda melancolia. Lembrou-se da sua casa de adobe às margens do Marataoan, da escola na antiga capela da Boa Vista, dos parentes e dos amigos. Tudo ficou para trás; apenas saudades.

Quatro horas de viagem. A noite era silenciosa e misteriosa. Ouvia-se apenas o barulho causado pelo atrito dos pneus do veículo no chão de piçarra. O garoto sentiu-se cansado e com medo. Para ele, as silhuetas das árvores, na escuridão, transformavam-se em monstros do outro mundo. Tudo era medonho. Cochilou por alguns instantes sobre um velho colchão de palha de milho da cama dos pais. Acordou atordoado quando do balanço do caminhão. Estavam em uma curva.

Recobrado do sono, o garoto não olhou para os lados e nem para trás. Fixou seu olhar firmemente para frente, desejando que afinal a viagem chegasse ao seu destino. Não demorou muito quando, muito além das sombras distantes, avistou clarões que pareciam luzes remanescentes produzidas por relâmpagos em noites de

fortes temporais. A claridade expandia-se rapidamente. Então, seu pai gritou lá da cabine, dizendo que estavam chegando à Capital. Começo de uma nova vida; o que se foi não voltará jamais.

## A HISTÓRIA DE CHICO MAROCA

1

Todo filho louva o pai  
Com carinho e atenção,  
Amor e bastante estima  
Mostrando admiração,  
O respeito das façanhas  
De um herói de nobre ação.

2

Eu também vou dedicar  
Este singelo poema  
Ao meu pai com meus aplausos  
Merecidos por seu lema:  
De fazer sempre com bem,  
Sem olhar quem, sem dilema.

3

Sem delongas, inicio  
Descrevendo de bom grado  
Essa história desse grande  
Vencedor que com agrado  
Ajudou, com muito amor,  
A muita gente; alegrado!

4

Dia quatro desse mês  
De outubro do ano de mil  
Novecentos vinte e sete,  
A criança alma gentil  
Deu bendita luz a mãe,  
Primogênito viril.

5

De Francisco foi chamado,  
Nome Santo milagreiro  
Do sertão bem nordestino  
Venerado mundo inteiro.  
Araújo, como Lima  
Pós nome bem altaneiro.

6

Da querida genitora  
Por lembrança lhe chamaram  
Com o epíteto de Chico  
Maroca, pois o aclamaram  
Os amigos conterrâneos  
Que muito bem o estimaram.

7

Pense num homem amigo,  
Bom companheiro e leal!  
Ótimo pai, bem-amado.  
Elogiá-lo, legal!  
Falar bem dele é notório,  
Honrado homem ideal.

8

Das façanhas desse herói,  
Muito tenho que contar.  
Ainda cedo, seu pai  
Ensinou-lhe a batalhar,  
Alertando: “mais cuidado  
Com o mundo no trilhar”.

9

Quando era um adolescente  
Na lavoura trabalhava  
Ajudando no roçado,  
Capinava e ainda brocava  
Preparando assim terreno  
Para o plantio que cuidava.

10

O bravo Chico Maroca,  
Quando jovem possuía  
Propriamente sua lavoura,  
No trabalho dia a dia  
Procurando meio de renda,  
E ajudar os pais, queria.

11

Trabalhando com afinco,  
Por razões bem conhecidas,  
Chico nunca viu escola,  
Com as letras esquecidas  
Jamais leu nem escreveu.  
Esperanças fenecidas.

12

Seu Domingos (Araújo  
Lima) muito do exigente,  
Queria da filharada  
Disciplina de boa gente,  
Fazer-se que admirada  
Como ser inteligente.

13

Entretanto, rigoroso  
Que era então, não motivava  
Que seus filhos para a escola  
Frequentassem, e exaltava:  
“Que lugar de pobretão  
É na roça, e não faltava”!

14

É tão certo que seus dez  
Descendentes, escaparam  
Dessa sina secular,  
Onde elites não amparam,  
Justamente os quatro filhos,  
Os mais moços, estudaram.

15

Seu Domingos, como tal  
Conhecido no lugar,  
Tinha fama de ser homem  
De bom trato no seu lar,  
Companheiro, bom de roça,  
Mas também de namorar.

~ 25 ~

16

Sobre a nossa avó Maroca  
(Maria da Costa Araújo),  
As lembranças que recordo:  
“Mãe Maroca”, meu “refujo”,  
“Mãe Boló”, boa boleira,  
Dos seus bolos que me sujo””.

17

São rebentos do casal:  
O Francisco e Mariazinha;  
O Valdir a Deusenira,  
A Zezé e a Teresinha;  
Dominguinhos e Idalina  
E a caçula da Neusinha.

18

A família de Domingos  
Tinha como moradia  
Uma palhoça de palha  
Em área que arredia  
À do grande proprietário,  
Que cobrava essa estadia.

~ 26 ~

19

Nesse tempo, o coronel  
Detentor do latifúndio,  
Respeitado e destemido,  
O senhorio do intermúndio  
Dos vassalos explorados  
Que sequer tem minifúndio.

20

Tempo que o coronel  
Exigia dos agregados  
A sua parte da colheita  
Desses pobres segregados  
Sem decência e qualquer dó  
Desses vis desagregados.

21

Certo dia, o coronel,  
Com um mal humor lascado,  
Avisou ao meu avô  
Dizendo-lhe bem zangado:  
“Desocupem minhas terras  
Aqui não és desejado”.

~ 27 ~

22

Muito triste, meu avô  
Falou do que lhe afligia  
Pois o patrão lhes expulsara  
Das terras à revelia  
Sem nenhuma compaixão  
Com excesso de arrelia.

23

Desolado, seu Domingos  
Foi procurar moradia  
Pra família residir.  
Mas ninguém pois acolhia  
Nas fazendas lá das Barras,  
Pobre gente que sofria.

24

Sem lugar para morar  
Na região, o bom Domingos  
Decidiu morar em terras  
Muito alhures, como gringos,  
No Estado do Maranhão,  
Com velados choramingos.

~ 28 ~

25

No terreno situado  
Na rodovia de Timon  
E Caxias, assim chamado  
Campo Grande, que de “tom”  
Para roça não da fé,  
Aqui chão não é tão bom!

26

Lá pelos idos de um mil  
Novecentos e quarenta  
E oito ou nove assim talvez,  
A família ali enfrenta  
Desafios naquelas terras  
Que ali muito se lamenta.

27

Seu Domingos lastimoso,  
Que reclama com tristeza  
Dessas terras onde planta  
Não produz com robusteza  
Como em terras da sua Terra,  
Qual colheita, uma beleza!

~ 29 ~

28

Mas um dia aconteceu  
No lugar um grande evento,  
Que inquietou toda gente  
Com um belo casamento,  
Sem aviso e sem festança,  
Do bom filho mais contente.

29

Francisco, como chamado  
Pelos pais e por parente,  
Apaixonou-se de súbito  
Por Jovita, uma atraente  
Bela jovem, de cabelos  
Longos, de um preto fulgente.

30

De estatura mediana,  
Pele um tanto bronzeada,  
Olhos castanhos bem claros,  
Que lembrava de uma fada  
Índia das selvas, formosa,  
Que cativa como agrada.

~ 30 ~

31

Maria Jovita Nunes,  
Por Jovita conhecida,  
Foi criada por sua tia,  
Irmã da mãe falecida,  
Quando era muito criança  
Em memória esquecida.

32

Jovita é de Capitão  
De Campos, do Piauí,  
Neta de uma pura índia  
Da região Piripiri,  
Da tribo Itacoatiara,  
Que morava por alí.

33

Ninguém dos familiares  
Desconfiava do segredo  
Entre Francisco e Jovita,  
Que não sentiram nem medo  
Em causar a confusão  
Na casa desse degredo.

~ 31 ~

34

Certo dia de domingo,  
Ainda cedo da manhã,  
O casal, às escondidas,  
Vai para a missa cristã  
Com a reza de Delfino  
E casam-se com afã.

35

Chico Maroca e Jovita  
Para casa não voltaram.  
Tomaram outro destino  
Logo depois que casaram,  
Fugindo rumo das Barras  
Bem longe dos que ficaram.

36

Ano de quarenta e nove  
Quando Francisco Maroca  
Deixou todos da família  
Muito aflitos de que avoca  
A inusitada viagem  
Com reclamo que provoca.

~ 32 ~

37

Na residência da jovem  
Jovita, um tal rebuliço.  
Descobriu-se que sua prima  
Grávida por tal buliço  
Que ela teve com o Chico  
Maroca no apegadiço.

38

Local de nome Cercado,  
Francisco feliz da vida  
Construiu sua choupana  
E roça em terra chovida  
Dando parte da colheita  
Ao patrão quota devida.

39

Sentindo bastante ausência  
Do seu querido negrilho  
Que voltara para Barras,  
A mãe sem ter empecilho  
Do marido declarou:  
“Vou pra perto do meu filho”!

~ 33 ~

40

Era ano que de cinquenta  
Seu Domingos, um tal dia,  
E família já estavam  
Em Barras com moradia  
No povoado Balaio,  
Que o patrão bem acolhia.

41

Chico Maroca e Jovita,  
Que dito anteriormente,  
Já moravam no Cercado,  
Um lugar adjacente  
Não distante do Balaio,  
Tendo uma vida decente

42

Francisco considerado  
Bastante trabalhador  
No lugar, logo obteve  
A atenção do explorador  
E Proprietário das terras,  
Vendo nele um vencedor.

43

E que o jovem lavrador,  
A cada dia que passava,  
Aumentava seus recursos.  
Só roubando, ele pensava,  
“Expulso dito caboclo  
Pois é laia que não prestava!”

44

Expulso mais uma vez  
De propriedade alheia,  
O valoroso Francisco,  
De sangue quente na veia,  
Fez brados aos quatro ventos:  
“Terei uma terra; aldeia!”

45

Chico, no Bairro Boa Vista,  
Um terreno adquiriu,  
E construiu humilde casa  
De palha e taipa, que viu  
Como seu primeiro lar  
Que muito a Deus lhe pediu.

~ 35 ~

46

Garantida moradia  
A sua esposa bondosa,  
O jovem Chico Maroca  
Foi à luta, que é penosa,  
Para se vencer a vida  
Que o mundo não está-prosa.

47

Da roça, Chico Maroca  
Não mais quis sobreviver.  
Com tino para comércio,  
Adotou para viver  
O ramo de camelô,  
Que tudo pode vender.

48

Com economias que tinha,  
O esperto Chico partiu  
Para Capital comprar  
Bugigangas que investiu  
No seu pequeno negócio,  
E seu estoque sortiu.

~ 36 ~

49

Preparou três animais,  
Um para sua montaria  
Outros dois para o transporte  
Das malas da mercancia,  
Bem como das outras tralhas  
Que levam mercadoria.

50

Assim o nosso tropeiro  
Nas desobrigas, festejos,  
Forrós foi ganhar o pão  
Na vilas e vilarejos,  
Freguesias e até cidades  
Vizinhas tem seus traquejos.

51

Chico, de tudo vendia.  
Miçangas, terços, medalhas,  
Perfumes falsificados,  
E muitas outras miuçalhas.  
E até tal piaba da Lapa  
Do Longá tinha nas tralhas.

~ 37 ~

52

O Chico foi amealhando  
Tostão por tostão na venda  
Daquelas tais mercancias  
Que serviu para azienda  
Para montar patrimônio  
E seguir com sua contenda.

53

De tudo um pouco sortiu  
A sua pequena quitanda:  
Sal, café, açúcar, fumo,  
E tudo que é vianda,  
Como bolachas, bombons,  
E todo tipo demanda.

54

Para auxiliar no comércio,  
Chico Maroca chamou  
Deusenira, sua irmã  
Mais nova, que a contratou  
Para auxiliar nas vendas,  
Que a jovem muito adorou.

55

Deusenira, uma bonita  
Moça agora a vida atina  
Veio morar com o irmão  
Chico, e ajudar na rotina  
E labuta da bodega,  
Que ao comércio se destina.

56

Nesse tempo, Deusenira  
Se enamora de um rapaz  
Conhecido como Chico  
Baíca que é de paz  
E tem um bom coração  
Pois casar bem é capaz.

57

É oportuno falar  
Que este simples poeta,  
Com sete anos de idade,  
Foi cupido da ninfeta  
Que conquistou para sempre  
O amor do alfaiate atleta.

58

Assim, fica esclarecido  
Que este trovador, sobrinho  
Dileto de Deusenira,  
Levava bem ligeirinho  
Cartas ao final dizia:  
“De sua Deusa com carinho”.

59

Como gratificação,  
O pequeno mensageiro  
Recebia da jovem tia,  
Alegre bem altaneiro,  
Algumas bolachas brancas  
Feitas por bom confeitoiro.

60

Anos depois, o casal  
Deu, talvez em gratidão  
Ao sobrinho alcoveto,  
Com um agrado que dão,  
A Pitu para Padrinho,  
Qual nome é Assunção.

~ 40 ~

61

Continuando a história  
Desse valoroso herói  
Chico Maroca, relato  
Um caso triste que dói  
Bastante no coração  
Da gente que se condói.

62

Pelos idos de cinquenta,  
Vamos achar o intrépido  
Trapeiro em um festejo,  
Em uma noite não tépido,  
Na cidade Chapadinha  
Do Maranhão, todo lépido.

63

No animado festejo,  
Dois bons amigos de Chico  
De Barras também vieram  
Vender produtos no bico,  
Sendo que um deles vendia  
Joias de um ouro pouco rico.

64

Chamava-se João Batista.  
Foi covardemente morto  
Com pauladas na cabeça,  
E em matagal, sem conforto,  
Seu corpo lá foi achado,  
Olhando o céu absorto.

65

João Batista atraído  
Por uma falsa cliente  
Que apareceu na sua banca  
Olhando para um pingente  
E outras lindas joias d'ouro,  
Dizendo: “é meu presente!”

66

A mulher com uma lábia  
Convenceu o bom Batista  
Ir com ela até sua casa,  
Pois seu marido golpista  
É policial militar  
E pagará tudo à vista.

~ 42 ~

67

Com o sumiço do amigo  
Naquela noite sem graça,  
Chico e o outro companheiro  
Foram procurar na praça  
E arredores do festejo,  
Já temendo uma desgraça.

68

Os dois amigos aflitos  
Não conseguiram dormir  
Em razão do inusitado  
Sumiço, sem presumir  
Do que teria acontecido,  
Sem a noção como agir.

69

Na manhã do dia seguinte,  
Temerosos, decidiram  
Denunciar ao Delegado  
Os fatos que incidiram  
Nessa noite anterior,  
Que tanto repercutiram.

70

Concluído tal registro  
Daquela infausta ocorrência,  
O Delegado fitando  
Os dois com tal insistência  
Dizendo: “fiquem aqui,  
Que vou fazer diligência.”

71

O Delegado deixando  
Maroca com o outro amigo  
presos naquela cadeia,  
Tal como que no castigo,  
Disse: “vivo ou mesmo morto  
Logo encontro, que investigo”.

72

Algumas horas depois,  
Aconteceu o alvoroço  
Em toda aquela cidade  
Pois o homem achou o moço  
Morto em terreno baldio  
Com arame no pescoço.

73

De volta, tal Delegado  
Determinou a prisão  
Dos dois pobres infelizes  
Como suspeitos da ação  
Daquele hediondo crime,  
E ameaças, coação.

74

Naquele dia, os suspeitos  
Estão em estado aflito  
Com humilhação na cela,  
Pois o policial com pito  
Ameaçava os coitados  
A confessar tal delito.

75

Tortura psicológica  
Os inocentes rapazes  
Foram que submetidos  
Aos caprichos bem audazes  
Desse Chefe de polícia  
E que tudo são capazes.

~ 45 ~

76

Foram momentos difíceis  
Para aqueles infelizes.  
Choros e lamentações  
Escutavam com reprises  
Das falsas acusações  
Da tal morte com deslizes

77

Dia seguinte ao da prisão  
Desses pobres inocentes,  
Na cidade descobriram  
De que um casal de indecentes,  
O Delegado e sua amante,  
São seres maleficientes.

78

A mulher do Delegado,  
Arrependida do horrível  
Latrocínio que abalou  
Toda a cidade da incrível  
E inusitada notícia,  
Delatou o homem terrível.

~ 46 ~

79

O povo de Chapadinha  
Pasmado se revoltou  
Com o mal policial  
Que fugiu quando escutou  
Multidão em alvoroço  
E que quase o matou.

80

Comprovada a inocência  
Daqueles pobres coitados,  
Chico Maroca e o amigo  
Foram enfim libertados  
Desse cruento castigo  
Por demasia; maltratados.

81

Nesse mesmo dia, os dois  
Companheiros resolveram  
Para Barras retornar  
E esquecer o que sofreram  
E pagar a São Francisco  
Promessa que prometeram.

~ 47 ~

82

Francisco na Chapadinha  
Não mais desejou voltar,  
Ficando mais na quitanda  
E outro ramo procurar  
Pois vida de camelô  
Não é fácil de ganhar

83

De tino comercial  
Aguçado e muito astuto,  
Nosso Chico vislumbrou  
No babaçal impoluto  
Dos temíveis coronéis  
Bom negócio no reduto.

84

O plano era perigoso.  
Chico articulou comprar  
Os cocos dos moradores  
Em noites sem o luar,  
Às escondidas do Dono  
Que não reluta matar.

85

Chico, mesmo avaliando  
O iminente perigo,  
Combinou com moradores  
Comprar coco ao desabrigo  
Por preço superior  
Ao Coronel, pois consigo.

86

O caboclo vendedor  
Por sua vez muito contente  
Ficava, pois a pesagem  
Do Chico era mais decente  
E era quase que o dobro  
Qual patrão é diferente.

87

Com jumento carregado  
Com a preciosa carga,  
Chico segura no rabo  
Do animal que nunca larga  
Pois os dois vagam no breu,  
Silentes bem à ilharga.

88

O comércio clandestino  
Naquelas matas escuras  
Não durou por muito tempo,  
Pois logo as tais aventuras  
São que do conhecimento  
De duas terríveis figuras.

89

São os grandes proprietários  
Das terras ricas de Barras,  
Conhecidos por Nonato  
E Antenor, com suas garras  
Queriam açoitar o Chico  
Maroca sob as amarras.

90

Os citados coronéis  
Mandaram que seus capangas  
Ficassem de olho no esperto  
Invasor, pois tinham zangas,  
Que a ele dez chicotadas  
Bastam no lombo, sem tangas.

~ 50 ~

91

Mais de uma vez, os capangas  
De tocaia em matagal  
Ficaram em vão flagrar  
Chico nesse palmeiral,  
Que muito desconfiado  
Fugia pela lateral.

92

Sabedor das ameaças  
Dos maus latifundiários,  
O valente herói barrense  
Deixou seus adversários  
Procurando outros negócios  
Que não fossem temerários.

93

Com o lucro que logrou  
Construiu uma boa casa  
De alvenaria na ribeira  
De um lago que verão vaza  
No belo Marataoan,  
No lugar de água que rasa.

94

Também nesse tempo, Chico  
Maroca comprou modesta  
Propriedade no lugar  
Pedrinhas que fez com festa  
Para morada dos pais  
Qual desejo que lhe resta.

95

Comprou também cinco ou seis  
Cabeças de bom vacum  
Que leite agora é farto  
Qual gado come tucum,  
Onde nas matas têm muitos,  
Ruminam sem mal algum.

96

Final dos anos cinquenta  
A economia influente,  
Como de todo o Piauí,  
Encontra-se decadente  
Já não sendo o babaçu  
Produto mais evidente.

97

De outra parte, sua quitanda  
Os negócios não iam bem.  
Os lucros cada vez mais  
Minguam como que também  
As esperanças de vida  
Aqui já não se sustém.

98

Chico Maroca, tal homem  
De visão engrandecida,  
Logo percebeu que Barras  
Já ficava empobrecida  
Por conta da decadência  
Do extrativo em decaída.

99

Certo caminhão partiu  
Transportando uma família  
Cheia de esperanças e fé;  
Na carroceria, mobília  
Rústica e um tal menino  
Naquela noite em vigília.

100

Era o mais velho dos quatro  
Irmãos, ria maravilhado  
Face a primeira viagem  
Que ficou abobalhado,  
Pois se encantava com tudo  
Que via tal aparvalhado.

101

Seus pais, os outros irmãos  
E também o motorista  
Se apertavam na boleia,  
Enquanto que o caronista  
Divertia-se lá em cima  
Com a paisagem à vista.

102

Era o limiar dos anos  
Da década de sessenta.  
Rumo à cidade grande,  
Futuro que muito alenta  
Pois com os braços abertos  
O bom Saraiva acalenta.

103

Começo de nova vida  
Na promissora cidade  
De Teresina que todos  
Recebe com caridade  
E bastante de um carinho  
Quem imigra com bondade.

104

Chegando na Capital,  
Chico alugou que modesta  
Casa na Rua Tiradentes,  
Que foram morar sem festa,  
Próximo do Parnaíba  
Onde a muriçoca infesta.

105

Na região, a coleta  
De água para se tomar  
Banho como pra beber  
Era muito similar  
Aos costumes tal de Barras,  
O líquido ia que pegar.

106

Somente as águas diferem.  
Parnaíba: caudalosas  
E barrentas nos invernos;  
Marataoan: sequiosas  
No verão; e transbordantes  
Nas estações que chuvosas.

107

Contudo, em ambos os rios  
Além de fontes diretas  
De abastecimento d'água,  
Tinham áreas prediletas  
De banhos dos ribeirinhos,  
Das lavadeiras diletas.

108

O menino de prenome  
Igual ao seu genitor  
Que de Francisco sua mãe  
Deu, e nome de cantor  
Sua tia teve boa ideia  
De Carlos em justapor.

109

Mas pelo nome de Carlos  
O pequeno foi chamado  
Pelos pais, familiares  
E amigos foi conclamado.  
Na escola ou qualquer lugar,  
Por todos era estimado.

110

Com o cambó de duas latas  
Nas costas, o bom menino  
Água no rio ia pegar  
Apesar de ser franzino  
Carregava sem reclamos  
No horário que vespertino.

111

Além de carregar água  
Do Parnaíba, na lida,  
O obediente bom filho,  
Antes mesmo da saída  
Para a escola, ia pegar  
A serragem requerida.

~ 57 ~

112

A bendita tal serragem,  
A tábua de salvação,  
Era usada como lenha  
Ou carvão na solução  
Do fogareiro de barro  
Pra gente sem condição.

113

A mãe do pequeno Carlos,  
Quando a família chegou  
Que nesta Cidade Verde,  
Escola se encarregou  
Logo arranjar para os filhos  
E que a Deus bem rogou.

114

O casal Chico e Jovita  
Teve assim os dez rebentos,  
Sendo que cinco barrenses  
E mais cinco, em bons momentos,  
Nasceram em Teresina,  
E criados sem tormentos.

115

E dentro dos bons costumes,  
Da moral e educação  
Sempre foi que o bom lema  
Do casal na condução  
Dos filhos para encarar  
O mundo sem ilusão.

116

Dentre os tais filhos Barrenses,  
Menciono este modesto  
Poeta Francisco Carlos,  
Domingos (Sanção) atesto  
Que foi um homem correto,  
Assim como muito honesto.

117

Luizinho, o irmão mais novo,  
Virou anjinho, pois Deus  
Levou para Casa Eterna  
Nos primeiros anos seus,  
Partida que nunca sai  
Desses pensamentos meus.

118

Em seguida vem Socorro  
E a boa caçula Vera,  
Que ajudavam a mãe  
Na labuta, com severa  
Norma da sua mãe Jovita  
Qual rotina mantivera.

119

E quanto aos filhos nascidos  
Na cidade Teresina,  
Lembro do casal de gêmeos  
Que pra anjos foi sua sina  
Ainda nos primeiros meses  
De vida, a Deus se destina.

120

Depois nasceram os filhos,  
Onde a mãe em boa ação  
Deu prenome de Francisco  
O santo da devoção,  
E por boa homenagem  
Ao pai em veneração.

~ 60 ~

121

Assim os Francisco são:  
... José, que morreu criança,  
... Filho, pessoa solícita;  
... Wilson, esperto na dança  
    No forró da Gabriela  
Na noite toda não cansa.

122

Nesses tempos tudo foi  
    Para nós dificultoso,  
    Início de nova vida  
    Por aqui era custoso  
Com alimento, remédio,  
Moradia; tudo oneroso.

123

Todo tipo de doença  
    A criancada pegou:  
Catapora, tal caxumba,  
    Que a gente renegou,  
Impigem, e o tal furúnculo,  
    E piolho nos sugou.

~ 61 ~

124

Oh, Meu Deus! Tempos difíceis  
Foram os anos sessenta!  
A modesta tal quitanda  
Do papai que nos sustenta  
Teve que fazer suas portas  
Fechar; começa a tormenta.

125

Piora a situação  
Da família, pois o pobre  
Do meu pai é que peitado  
Por um vilão, que encobre  
Sua boa alma de vergonha,  
Cobrando-lhe seu vil cobre.

126

O homem era um ex-gerente  
De uma loja conhecida  
Lá no comércio barrense,  
Que ganhou imerecida  
Fortuna nas transações  
De origem desconhecida.

127

Esse tal capitalista  
Ao meu pai ofereceu  
Certa quantia em dinheiro  
Qual lucro é meu e seu,  
Ou de cinquenta por cento  
Pra cada um, esclareceu.

128

Meu pai que desconfiado  
De pronto não aceitou  
A proposta do agiota,  
No negócio não botou  
Fé em mexer com dinheiro  
Alheio, assim matutou.

129

Mas esse esperto agiota  
Falou mais do que depressa:  
Chico deixa de ser besta,  
Que o negócio tem pressa,  
Pois tu bem sabes ganhar  
Dinheiro, a hora é essa!

~ 63 ~

130

Coitado do meu bom pai,  
Que recebeu uma certa  
Importância de dinheiro  
Do homem de índole incerta  
Afeito ao um lucro fácil  
No negócio que se acerta.

131

Com o dinheiro nas mãos,  
Meu bom pai foi para luta,  
Comprou feijão, arroz, milho,  
Açúcar e goma enxuta;  
Fretou um bom caminhão,  
E o lucro agora labuta.

132

Até aqui tal consórcio  
Ia muito bem, obrigado!  
Pois o lucro do comércio  
Agora era já chegado  
Para ser que repartido,  
E agiota rir folgado.

133

Chico, na cidade grande,  
Conheceu alguns amigos,  
Uns legais e outros que falsos,  
Uns bons, outros inimigos,  
Onde não viu nestes últimos  
A maldade e seus perigos.

134

Dois falsos amigos vendo  
Que o Maroca detinha  
Um bom capital de giro,  
Que do agiota mantinha,  
Viram lograr um proveito,  
Pois malícia ele não tinha.

135

Os malandros propuseram  
Ao amigo do dinheirão  
Um tal negócio com peixes  
Do Lago Açu (MA), e darão  
Ao Chico parte dos lucros  
Que muito fáceis serão.

~ 65 ~

136

O incauto Chico Maroca,  
De boa-fé, ajustou  
Com malandros citadinos  
Certo valor que restou  
Do dinheiro do agiota  
De Barras que lhe emprestou.

137

Isso foi a derrocada,  
Pois o coitado do moço  
Perdeu o dinheiro alheio,  
Com a corda no pescoço  
Ter que pagar o agiota,  
Vida agora, um alvoroço!

138

Um dia, o “capitalista”  
Foi em casa à procura  
Do nosso pai com a cara  
De pouco amigo e censura,  
Onde minha mãe falou  
Não saber dele essa altura

~ 66 ~

139

O homem mal com suas narinas  
Fumegantes deu meia volta,  
E na Palmeirinha rua  
Acima foi, com revolta,  
Se embora; “graças a Deus”,  
Da boca da mãe se solta.

140

Nesse dia pai chegou  
Em casa um pouco mais tarde,  
E soube por sua esposa  
Que o homem mau, com alarde,  
Foi em sua casa cobrar  
Dívida, e que não retarde!

141

Nessa noite, o infeliz  
Homem teve pesadelos,  
Sonhando com o agiota  
Que exigia sem desvelos  
Sua boa alma assim cristã,  
Que eriçou seus cabelos.

~ 67 ~

142

No dia seguinte, decide  
Maroca pra procurar  
O tal credor implacável  
Pois queria negociar  
O montante da tal dívida  
Com um prazo pra pagar.

143

Meu pai, com boa vontade,  
Foi até à residência  
Do terrível usurário,  
Que sem ter qualquer decência  
E respeito recebeu  
O coitado sem clemência.

144

Chamou meu pai de ladrão,  
Desonesto e marreteiro,  
Que todo o dinheiro tinha  
Gasto em orgias no puteiro,  
E ameaçou de prisão  
Por ser grande caloteiro.

145

Com essas palavras, Chico  
Ficou muito magoado  
E sofrido, respondeu:  
“Seu Juarez, chateado  
Estou, e muita vergonha  
Por não honrar o acordado”.

146

“Confesso-lhe: bons negócios  
Com seu capital não fiz,  
Pois pessoas desonestas  
Me enganaram em ardis  
Malandragens e promessas  
De lucro que não condiz.”

147

Chorando e que suplicando,  
Completo: “compreensão  
Peço-lhe. Dê-me uma trégua;  
Que lhe pagarei tostão  
Por tostão tudo que devo,  
Pois não sou de confusão.”

~ 69 ~

148

Lembro que naquela época,  
Meu bom pai emagreceu  
Muito, e uma espessa barba  
Negra no rosto cresceu,  
Devido as humilhações  
Que sofreu e padeceu.

149

De tanto ser humilhado  
Pelo agiota covarde,  
Com ameaças de morte  
E prisão e muito alarde,  
Meu pai pensou em matar-se,  
Que a morte não retarde!

150

Na época, minha família  
Morava em casa alugada  
Na então rua Palmeirinha,  
Que agora era chegada  
A mudança para o Morro  
Do Urubu; nova morada.

~ 70 ~

151

No centro de Teresina,  
Uma casa não podia  
Meu pai o aluguel pagar,  
Comprou na periferia  
Uma choupana de taipa  
Para o lar, que nem queria.

152

Mas leais e bons amigos  
Nessas horas aparecem  
Para ajudar os parceiros,  
Dando o apoio que merecem  
Nesses momentos difíceis  
De bom grado se oferecem.

153

Certo dia daqueles tempos  
Tenebrosos, Vitorino  
E Mano Lopes, fies  
Amigos que imagino,  
Vieram dar um apoio  
Ao meu pai, em desatino.

154

Disseram ao meu bom pai:  
“Chico deixa de ser mole,  
Tira essa barba de bicho,  
Pega uma pinga e engole,  
E veste uma boa roupa,  
Que hoje o forró se bole!

155

À noite, os dois bons amigos  
Levaram-no a um lugar  
Da boêmia da cidade  
Pra beber e sossegar  
O companheiro infeliz  
Que a vida quer negar.

156

Na verdade, o tal forró  
Foi apenas uma forma  
Para distrair o amigo  
Que cada dia se transforma  
Em um homem sem vontade,  
Pois viver não se conforma.

~ 72 ~

157

Após sorverem algumas  
Doses de um malte “Drury’s”,  
O espirituoso Mano  
Lopes que brindando diz:  
“Chico Maroca a partir  
De hoje tu vais ser feliz.

158

Levanta a tua cabeça  
Esquece o tal Juarez,  
Dá uma volta por cima  
Porta-te com altivez,  
E manda ele tomar banho  
Lá no canal de Suez”.

159

Com essa boa tirada  
Do Mano Lopes, um riso  
Chico Maroca soltou  
Para júbilo indiviso  
Dos amigos que há tempo  
Não via nele um sorriso.

~ 73 ~

160

Por sua vez, Vitorino  
Complementou - “meu amigo  
Chico, um conselho dou-te:  
Esquece teu inimigo,  
Vai à luta, trabalhar.  
E pode contar comigo.

161

Pois sei que tu és honesto  
E muito trabalhador.  
Além disso, tens família  
Que a ti tem muito amor,  
Então arregace as mangas,  
Vá à luta com fervor”.

162

O Chico respirou fundo,  
Encarou o tal vilão,  
Disse: “pelo amor de Deus,  
Não sou nenhum enrolão,  
Deixe-me, pois, trabalhar  
Que bons tempos me virão”.

163

Dias depois, via-se o Chico  
Já sem barba, acompanhado  
Do seu filho adolescente,  
E muito que acanhado,  
Vendendo milho e o feijão,  
Ainda que acabrunhado.

164

Chico Maroca gritava:  
“Olha milho ou o feijão  
Verde que a pouco veio  
Das roças lá do sertão  
Pra este Mercado Central  
Que vendo no varejão”.

165

Por sua vez, o menino:  
“Olha que milho, meu povo!  
Muito bom pra cozinhar  
E assar, que é verde e novo;  
Olha o feijão é bem verde,  
Tem preço bom que promovo”!

~ 75 ~

166

Pra garantir o sustento,  
Meu pai muito se esforçava  
Pois no Mercado Central  
Na labuta começava  
Ainda cedo da manhã,  
E que jamais se cansava.

167

Como consignatário,  
Ele para ganhar renda  
Adicional, comprava  
Cereais para revenda  
Aos quitandeiros dos bairros,  
Assim que por encomenda.

168

Seu amigo Vitorino,  
Homem que de nobre ação  
Vendia-lhe feijão, arroz,  
Milho, em consignação  
E também goma e farinha,  
Tudo em consideração.

~ 76 ~

169

Lembro ainda muito bem  
Que o meu pai transportava  
Em sua velha bicicleta  
Bristol, que bem suportava  
Sacos com até cinquenta  
Quilos; nunca se cansava.

170

No armazém de Vitorino,  
Andava Inácio Carneiro  
Cidadão muito educado,  
Honesto bastante ordeiro  
Que se tornou bom amigo  
Do meu pai - seu escudeiro.

171

Inácio não era rico  
Mas tinha boa poupança,  
E crendo em Chico Maroca  
Com muita fé e esperança  
Para aumentar seu dinheiro,  
Investiu com segurança.

~ 77 ~

172

Meu pai e Inácio Carneiro  
Fizeram Sociedade  
Por cerca de quatro anos  
Como amigos de verdade,  
Ganhando que bom dinheiro  
E também prosperidade.

173

Com capital, o guerreiro  
Chico fretou caminhão,  
Abasteceu-se de peixes  
No Lago Açu, Maranhão,  
Para vender aos peixeiros  
Para ganhar seu quinhão.

174

Lembro ainda que ajudei  
Meu pai na distribuição  
E pesagem dos pescados  
Com que bastante atenção,  
Ainda sob sol raiar,  
Dos larápios em ação.

175

No negócio de pescado  
Chico Maroca ganhou  
Até que um bom dinheiro,  
E o caminhão que sonhou  
Possuir pra trabalhar  
De fato, se encaminhou.

176

Pois comprou um caminhão  
Chevrolet azul, que sendo  
Metade em dinheiro vivo,  
E o restante assim vincendo  
No prazo de até dois anos  
E quitar antes, querendo.

178

Já dono de caminhão,  
Chico contrata o chofer  
Zé Candeia, bom barrense,  
Que dirige assim com fé,  
E adentram que nas estradas  
Do Maranhão, dão no pé.

~ 79 ~

179

Embrenham-se na tal zona  
Das matas e dos Cocais  
No rico vizinho Estado,  
Fazendo frete e demais  
Demandas, que transportando  
Gente, cargas e animais.

180

Dois anos depois, Maroca  
Com muita dedicação  
Ganhou bastante dinheiro,  
E com antecipação  
O caminhão havia pago  
Quitando a obrigação.

181

Para a sua satisfação  
Também dívida quitou,  
Sem faltar nenhum centavo,  
Ao homem que o destratou,  
Chamando-o que desonesto,  
Pois muito lhe maltratou.

~ 80 ~

182

Mirando outros horizontes,  
Chico talvez em boa hora  
Decidiu o caminhão  
Vender, pois já que agora  
Um armazém de atacado  
Quer instalar sem demora.

183

Na Rua Félix Pacheco  
Bem que na proximidade  
Ali da Praça Saraiva,  
No centro-sul da cidade,  
Chico alugou um bom ponto  
De armazém, foi sua vontade.

184

Comprou alguns cereais  
Tais como milho, feijão,  
Arroz, como também goma,  
A farinha e macarrão,  
E sacaria no atacado  
Pois lucros advirão.

~ 81 ~

185

Final dos anos sessenta  
Meu pai vendeu a choupana  
Lá do Morro da Esperança,  
Comprando outra mais humana  
Agora no Porenquanto  
Em uma rua mais urbana.

186

Dessa casa tenho algumas  
Que boas recordações:  
A eletrola e os vinis,  
A TV, que emoções!  
Vendo o Zorro mascarado,  
Ouvindo boas canções.

187

Mas também dessa morada,  
Lembranças ruins na mente  
Nunca esqueço: a prematura  
Morte que, infelizmente,  
Meu irmão em tenra idade  
Nos deixou subitamente.

188

A seu genro militar,  
Em razão de um mal vizinho,  
Meu pai vendeu nossa casa  
Para evitar o risinho  
Provocante do canalha  
Do lugar circunvizinho.

189

Até hoje nessa casa  
Mora minha irmã Toinha,  
Filha da tia Nazaré,  
Que era prima da minha  
Tão saudosa mãe Jovita,  
Que muito apreço lhe tinha.

190

Em meado de setenta,  
Meu pai tinha adquirido  
Um bom lote de terreno,  
Pois já tinha decidido  
Construir um novo lar  
Em lugar bem merecido.

191

Essa nova moradia  
É também localizada  
Na Rua Manoel Domingos,  
Não tão longe da morada  
Anterior, já bem próximo  
Do Marquês, mais melhorada.

192

Ali, a nossa família  
Hospedava seus parentes,  
Amigos, como estudantes  
E até mesmo os aderentes,  
Pois todos eram bem-vindos,  
E que ficavam contentes.

193

No tocante ao armazém,  
Os negócios iam de vento  
Em popa, que se obtendo  
Uns bons lucros a contento  
Com a venda de feijão  
Tendo um bom faturamento.

194

Final do ano, no Balanço  
Geral do seu armazém,  
Chico Maroca obteve  
Que um resultado além  
De suas expectativas,  
Pois mandou ver muito bem!

195

Comprou que logo um tal Fiat,  
O Cento e Quarenta e Sete,  
Carro com zero quilômetro  
Com rádio e fita cassete  
Para sua satisfação  
Fato esse que foi manchete.

196

Certa feita apareceu  
Um conhecido cliente  
No armazém do Maroca,  
Que outrora foi patente  
De coronel, todo prosa  
E muito assim que contente.

~ 85 ~

197

Gracejando com meu pai  
Disse: “Chico tu enricou,  
Comprou até carro novo”!  
Meu pai rindo, retrucou:  
“Estou melhor que o mais rico  
Que Barras verificou”.

198

Continuando tal prosa  
Com aquele cidadão,  
Meu pai bem lhe lembrou:  
“Antenor, tu lembra não,  
Tempos atrás prometeu  
Surrar-me sem compaixão.

199

Esse fato era alusão  
À tal compra clandestina  
De babaçu que meu pai  
Fazia bem em sua rotina  
Junto que aos agregados  
Na noite turva, à surdina.

200

Aquele velho senhor,  
Agora amigo e cliente  
Do seu antigo inimigo  
Era um ser inclemente,  
Dono dos babaçuais,  
E agora pouco influente.

201

Para encerrar a tal prosa,  
Disse o velho coronel:  
“Maroca bem lembra disso!  
Hoje, perdi meu anel,  
Ficaram só os meus dedos”,  
Pois deixei de ser cruel.

202

Depois disso os dois homens  
Foram para um bar ao lado  
Beber que uma gelada,  
Ponto muito badalado,  
Tinha uma crocante tripa  
De galinha, e ensopado.

~ 87 ~

203

Na década de noventa,  
Meu pai resolve mudar  
O armazém para João  
Cabral, pra que possa dar  
Melhor localização  
E o estoque bem guardar.

204

Naquele novo armazém,  
Meu pai chama para ser  
Sócio e gerente o sobrinho,  
Por nele reconhecer  
Talento para o comércio  
Com mérito merecer.

205

Já no antigo armazém,  
Um irmão meu resolveu  
Estabelecer pequena  
Quitanda, e que recebeu  
Do seu pai mercadorias  
Com muito grado lhe deu.

206

Meu pai estava contente  
Com a tal sociedade,  
Uma vez que por três anos  
Muitos lucros de verdade  
O armazém amealhou,  
Era só felicidade!

207

Como disse um tal poeta,  
“E que nem tudo são flores,  
Que nem todos dias têm sol...”  
Um dia veio os dessabores,  
O sobrinho foi embora,  
Agradecendo os favores.

208

Maroca permaneceu  
À frente desse armazém  
Que por um certo período,  
Pois tempo agora ele tem  
Para aposentadoria,  
Que merece e lhe convém.

~ 89 ~

209

Quando Maroca fechou  
As portas do armazém,  
Pela derradeira vez,  
Ele tinha idade além  
Que de setenta e dois anos,  
Pobre, mas não zé-ninguém.

210

Com toda honestidade,  
Coragem e inteligência  
Conseguiu muito respeito,  
Assim como referência  
Entre os comerciantes;  
Bom caráter e decência.

211

Entre seus familiares,  
Chico era muito estimado,  
Pois a todos ajudava,  
Por seus filhos foi amado,  
Pelas suas boas ações  
Foi bastante admirado.

~ 90 ~

212

No tocante aos seus amigos,  
Chico era considerado  
Um homem de tais virtudes,  
Bastante leal e honrado,  
Pois foi sempre respeitoso,  
E sempre bem-humorado.

213

Meu pai já aposentado  
Residia com sua bondosa  
Esposa Maria Jovita  
Ainda naquela saudosa  
Casa da Rua Manoel  
Domingues (silenciosa).

214

Minha mãe assim idosa  
Do meu pai que bem cuidava  
Com muito amor e carinho,  
Além de um neto que amava,  
Menino órfão de pais vivos,  
E desde cedo o educava.

215

Vinte e três de abril de mil  
Novecentos e noventa  
E oito, que minha mãe foi  
A óbito após tormenta  
Depois de dias internada,  
A Deus sua alma encomenda.

216

No entanto, a viuvez  
Do meu pai pouco durou  
Pois que decidiu casar-se  
Com Maria que namorou  
Pra bandas do Maranhão,  
Que ao meu pai bem cuidou.

217

É sabido que Maria  
Já era mãe de alguns filhos  
Que teve com o Maroca  
Quando de seus pecadilhos  
Quais extra-conjugais,  
Assim sem empecilhos.

218

Outros filhos do Maroca  
Se tem que conhecimento,  
Inclusive de um menino  
Que com belo sentimento  
Minha santa mãe lhe deu  
Um lar sem ressentimento.

219

O casal Chico e Maria  
Conviveram muito bem  
Com respeito e harmonia  
Fazendo o que lhes convêm  
Por cerca de seis bons anos  
Pois a vida os entretêm.

220

Certo dia, a indesejada  
Das gentes bate na porta  
Do casal sem avisar,  
Pois Chico não mais suporta  
Os sofrimentos do corpo,  
Sua vida que agora aborta.

221

Foi no dia vinte e nove  
Daquele mês de setembro  
Do ano de dois mil e cinco  
A indesejada, eu me lembro,  
Levou o nosso guerreiro,  
E suas histórias, relembro.

## **O EXEMPLO**

Quando a indesejada morte  
veio à porta buscar  
Chico Maroca – e selar  
o destino, aquela sorte...

Conduziu um homem forte,  
mas não conseguiu levar  
o caráter exemplar,  
no seu meio de transporte.

Ficaram honra, postura,  
belos atos de bravura,  
findou-se uma trajetória.

Mas nasceu esta história  
que ficará na memória  
para geração futura.

Raimundo Clementino Neto  
Professor e Poeta

Todos e nós vivos na espera  
vos em vossas oração.

eus.  
de.



## **Francisco Araújo Lima**

☆ 04/10/1927

† 29/09/2005

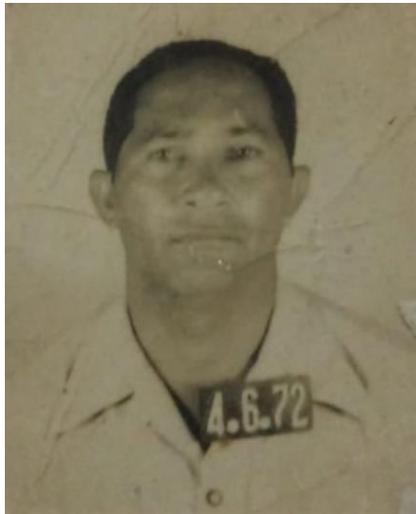
*Deus é testemunho, de tua trajetória  
nesta vida quase sempre marcada de dor, lágrimas  
e sofrimento, que isto sirva de alento pra tua alma  
e que na outra vida, o teu fardo seja lento.*

*Todos nós sentimos profundamente a tua  
partida: esposa, filhos, irmãos, netos, bisnetos e  
demais parentes e amigos, choramos com a fé.*

*O Senhor é teu pastor e nada te faltará.*

*Senhor, guia-nos para vossa luz, para que  
possamos morrer com vida na esperança do  
encontro com todos no seio do pai eterno*

*Descansa em paz.*







~ 99 ~



## *Mamãe*

Nós não encontramos palavras para expressar a saudade da tua partida, que não apagará em nossa memória a tua existência.

Ensinou-nos que na vida não temos apenas glórias e triunfos, mas também momentos de dor.

Nós não lembramos de ti com tristeza e sofrimento, pois tu eras alegria.

Agradecemos a Deus pelos momentos felizes que compartilhamos, pois deste o melhor de si mesma em todos os instantes de tua vida e cumpriste tua missão aqui na terra, conforme foi o julgamento de Deus.

Estaremos sempre unidos espiritualmente na fé, na oração e na esperança de um dia nos reencontrarmos.

## AGRADECIMENTOS

Os familiares de *Maria Jovita Nunes Lima* agradecem a solidariedade recebida de todos.

Teresina, 29 de Abril de 1998



**IMPRESSÃO**

Gráfica e Editora Rima  
Av. Joaquim Ribeiro, 2015 • Centro  
(86) 3221-2319 / 99972-0303  
Cep: 64001-480 • Teresina-PI